

Museu da Suíça terá 1 milhão de imagens

Instituição é a maior da Europa e já preserva acervo avaliado em cerca de US\$ 30 milhões

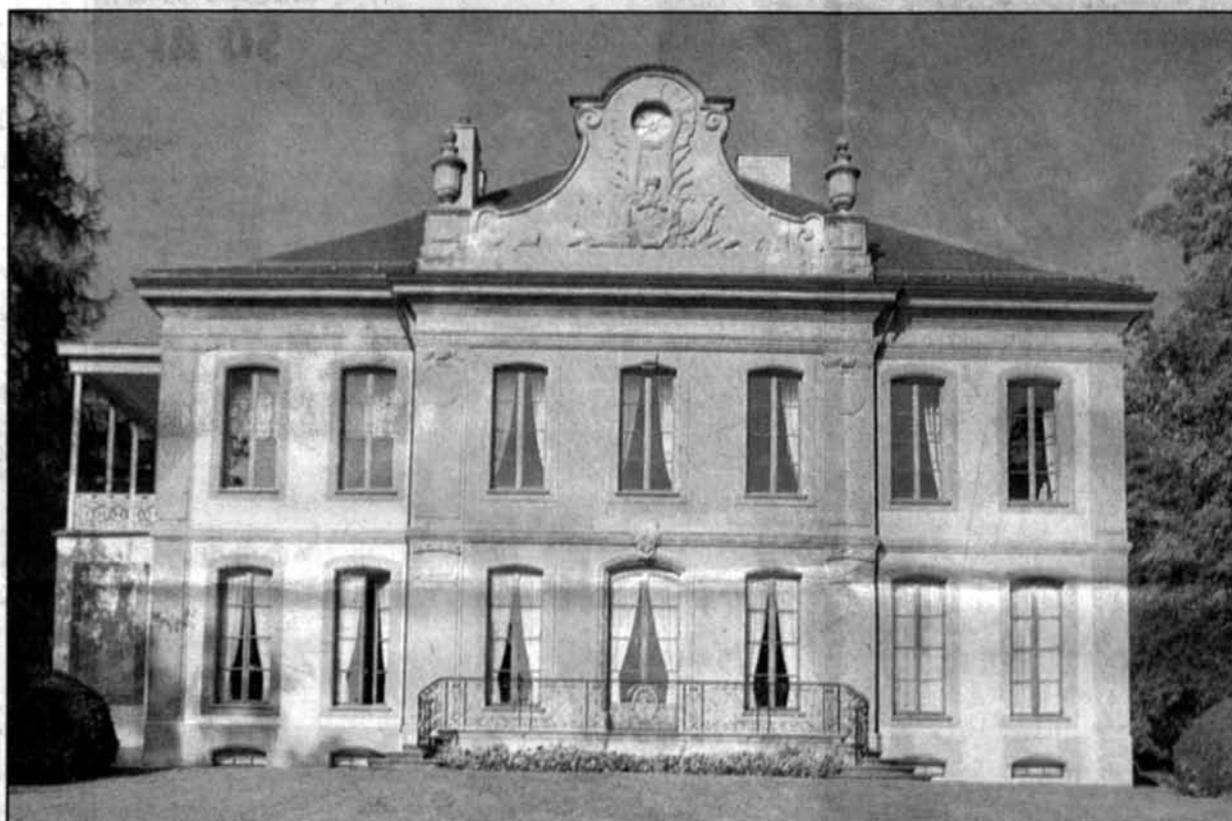
INÊS RODRIGUES
Especial para o Estado

LAUSANNE — O Museu do Elysée completa dez anos em outubro e é atualmente o maior da Europa dedicado somente à fotografia. A sede funciona em um casarão do século 18, em um parque em Lausanne, às margens do Lago Léman. O museu é mantido pelo Estado e pela Fundação Elysée, que se encarrega de recolher as doações de entidades e de particulares. Só em verbas públicas o Elysée já consumiu cerca de US\$ 20 milhões, mas em compensação seu acervo vale mais de US\$ 30 milhões.

Os arquivos, mantidos rigorosamente à temperatura de 18 graus e 40% de umidade, logo chegarão a abrigar um milhão de imagens. Entre estas estão raridades da metade do século passado, como um retrato da sede do museu quando ainda era uma residência; toda a coleção Polaroid (doada pela própria companhia norte-americana em 1991); ou a coleção da Federação Internacional de Arte Fotográfica (que engloba 70 países). Parte do acervo está à disposição do público, assim como uma biblioteca sobre fotografia com cerca de 30 mil livros, alguns editados pelo próprio museu. A cada três meses são organizadas exposições de fotografias de todo o mundo e a estimativa é de que o Elysée recebe mais de 100 mil visitantes por ano.

"A invenção da fotografia, em 1839, marcou o início da modernidade, pois deu ao homem domínio sobre a realidade e condição de inventar tudo o que existe hoje como o cinema, por exemplo e, apesar de não nos preocuparmos só com o aspecto documental da fotografia, sua conservação e restauração são trabalhos fundamentais no museu", afirma Charles-Henri Favrod, fundador e conservador do Elysée.

Atualmente, todas as imagens arquivadas (em negativos de vidro, celulóide ou fotos em papel) estão sendo



O Museu Elysée, em Lausanne: sede tem raridades em fotos e funciona em casarão do século 18

catalogadas na forma de discos óticos, ou seja, são reproduzidas em computador e recebem um código numérico. Quando esse número é chamado no computador, a imagem aparece na tela sem a necessidade de manusear o original. Mas só as boas condições de conservação não são suficientes para

manter documentos raros como as fotos da construção de estradas de ferro suíças, feitas por volta de 1860. Segundo os especialistas do museu do Elysée, as pesquisas sobre os métodos de restauração de fotos não são ainda muito comuns e

não há tantos restauradores especializados. "Existem mais de cem processos de restauração de fotografias e uma intervenção errada em um negativo é geralmente irreversível. É um trabalho que exige muito tempo e muito dinheiro também", diz Daniel Girardin, conservador-adjunto do museu, que entrega os trabalhos de restauração ao suíço Christophe Brandt.

No acervo do Elysée, Girardin mos-

tra sua menina dos olhos na coleção: as 126 "fotos" do físico francês Gabriel Lippmann. Essas "fotos" são placas de vidro que fixam as vibrações luminosas do prisma. Portanto, quando são colocadas dentro desse jogo de cores com a claridade adequada, aliada a uma substância especial, pode-se distinguir os contornos da foto. "São tesouros históricos e científicos", explica Girardin.

A coleção Lippmann já foi tema de uma das mostras do museu, que traz fotos de todos os cantos do mundo para seus painéis de exposição e consequentemente para o acervo. Em outubro do ano passado, num passeio pelos quatro andares do casarão, era possível ver mostras com fotos do brasileiro Humberto da Silveira, do árabe Samer Mohdad e um andar inteiro dedicado a fotos de países do norte da África, todas feitas ainda no século passado. O museu também organiza exposições em outros países, conferências e, uma vez por ano, no verão, a Noite da Fotografia, uma grande festa ao ar livre onde o público pode apreciar todo tipo de imagem: da foto em preto-e-branco às novidades sobre TV de alta definição.



Beduino, de Humberto Silveira

Jornalista enriquece as coleções

Charles-Henri Favrod viaja pelo mundo à procura de novos trabalhos

LAUSANNE — Nos anos 50 e 60, Charles-Henri Favrod era jornalista e colaborava com revistas francesas como *L'Express* e *Le Nouvel Observateur*, além de editar livros e enciclopédias. Durante todos esses anos ele manuseou diariamente dezenas de fotografias e teve contato com fotógrafos de todo o mundo. Isso o fez perceber quantas imagens se perdem. Seu interesse pelo assunto foi crescendo e este suíço, nascido em Montreux há 68 anos, formou uma grande coleção pessoal, com destaque para fotos do século passado, que hoje está no acervo do Museu do Elysée, do qual ele é conservador há dez anos. Além de fazer parte de várias entidades culturais em seu país, Favrod viaja o mundo todo atrás de novos fotógrafos e boas imagens. Entre uma viagem e outra, ele conversou com o

Caderno 2 — Como se formou sua coleção particular, que hoje está no acervo do museu?

Charles-Henri Favrod — Devo dizer que meu interesse pela conservação e produção de fotos antigas me levaram a essa coleção. Fiz, quando jornalista, pesquisas sobre fotógrafos que trabalharam em meados do século passado, que enfrentavam grandes dificuldades para retratar com maior precisão do que desenhistas e pintores a realidade de outros mundos como a África, Ásia e América Latina. O que se sabia do Brasil em 1840, por exemplo, era filtrado pelas gravuras, que carregavam também a fantasia particular e um tanto pitoresca das pessoas que as faziam. A fotografia mudou essa relação com a realidade.

Caderno 2 — Você esteve no Brasil no ano passado, acompanhando uma exposição de fotos do artista Geraldo de Barros. Vocês fazem muitas exposições com brasileiros?

Favrod — A fotografia brasileira não é muito conhecida internacionalmente, talvez porque não haja muitas exposições. O brasileiro que mais trabalha conosco é Sebastião Salgado, que já teve várias mostras aqui. Recentemente, a etapa suíça de *Trabalhadores do Mundo* (exibida pelo MASP em São Paulo) ocupou todo o museu, quando o normal é fazermos três ou quatro mostras ao mesmo tempo. Temos também cerca de 200 imagens suas no acervo, assim como mantemos fotos raras de Geraldo de Barros, feitas nos anos 50. Em outubro, houve uma

exposição sobre o mundo árabe da qual participava outro brasileiro, Humberto da Silveira.

Caderno 2 — Como foram seus contatos com fotógrafos no Brasil?

Favrod — Posso dizer que uma das

grandes descobertas que fiz nos últimos tempos está no Brasil e é o fotógrafo Ed Viggiani. Fiquei muito impressionado com seu trabalho, ele fotografa de maneira muito clássica, mas tem um olhar totalmente novo, nos faz ver outro mundo em coisas evidentes à primeira vista. Eu citaria ainda Cassio Vasconcellos, Antonio Jorge Colangelo, Antonio Saggese e Gal Oppido como brasileiros de talento.

Caderno 2 — A fotografia brasileira tem algum traço especial?

Favrod — Fiquei muito surpreso justamente ao ver que a fotografia brasileira está inserida nas pesquisas e tendências de todo o mundo. Hoje todos reconhecem que a fotografia é um modo de expressão internacional, assim como a música ou a dança. Assim como já fizemos mostras indianas ou italianas, eu adoraria fazer uma exposição brasileira aqui em Lausanne. (I.R.)

**ELE ELOGIA
TALENTO DO
BRASILEIRO
ED VIGGIANI**